

**Hammond, M. 2006. Phonological Universals.
In K. Brown (ed.), *Encyclopedia of Language and
Linguistics*. Oxford: Elsevier: 525-531.**

Carlos S. Silva⁵

silvacarlosrogerio@gmail.com

FACULDADE DE LETRAS DA UNIVERSIDADE DO PORTO (PORTUGAL)

1

Se a Fonologia é o estudo do sistema de sons de uma língua, então um universal fonológico é uma afirmação acerca de como os sistemas de sons das línguas podem ou não variar. No entanto, a representação destes universais não tem uma forma única, mas varia de acordo com o quadro teórico adotado.

Neste sentido, o artigo de Hammond torna-se, de facto, um importante guia, tanto para os estudantes, como para os investigadores, uma vez que descreve e exemplifica de forma independente a maneira como cada quadro trata os universais fonológicos.

2

O artigo subdivide-se em 6 partes. Nos parágrafos iniciais, Hammond expõe, em traços gerais, os fatores teóricos e metodológicos que determinam a formalização de um universal. De seguida, sob o título de “Greenbergian Universals”, recupera-se aquela que foi a primeira abordagem a este tema, uma abordagem de fundo estruturalista.

Na parte intitulada “Rule-based Universals”, o autor destaca a visão universalista dada pelo modelo chomskiano, ou seja, a busca de uma Gramática Universal pela análise das estruturas profundas da língua_I. É tido em especial consideração o modelo inscrito no *Sound Pattern of English* (Chomsky & Halle, 1968; doravante SPE) em relação à Fonologia. Seguem-se as secções “Nonlinear Phonology” e “Optimality-Theoretic Universals”, cujo objeto de discussão é a representação dos universais nalguns dos principais modelos pós-generativos.

⁵ Estudante do 3.º ano de Licenciatura em Línguas, Literaturas e Culturas (Português e Línguas Clássicas).

O autor conclui o seu artigo com a secção “Evaluating Universals”, na qual faz uma reflexão geral sobre os pontos fortes e as falhas representativas nos vários modelos anteriormente apresentados, com vista a desafiar a teoria fonológica a uma reformulação que as supere.

3

É muito significativo notar que Hammond ordena as correntes cronologicamente, de modo a dar uma perspetiva simultânea da teoria, do método de trabalho e, ao mesmo tempo, da história das ideias fonológicas. Nesta parte, apresentamos algumas das ideias discutidas pelo autor neste trabalho.

Cada corrente fonológica ao propor um universal (1) usa diferentes meios – a investigação tipológica e/ou a dedução teórica, (2) visa diferentes níveis de representação – subjacente ou de superfície, (3) formula-o de forma diferente – silogismo, regra ou restrição, e (4) sugere diferentes abrangências – absoluta ou estatística.

Jakobson (1962), Greenberg (1978) e Maddieson (1984) construíram um primeiro quadro de abordagem aos universais fonológicos, formulando-os da seguinte forma:

1. Todas as línguas têm vogais;
2. Todas as línguas têm consoantes;
3. Não há nenhuma língua com uma oclusiva ápico-velar;
4. Todas as línguas têm alguma sílaba que comece em consoante;
5. Todas as línguas têm alguma sílaba que acabe em vogal;
6. A presença de [ŋ], [ɲ] ou [ɳ] implica [n];
7. Quase todas as línguas têm /i a u/;
8. As vogais anteriores são normalmente [- arr] e as posteriores [+ arr].

Como podemos observar, o estabelecimento destes universais parte, em primeiro lugar, da investigação empírico-tipológica e visa o nível de representação mais superficial, isto é, o nível fonético.

No entanto, quando à formulação e ao alcance, são diferentes. Por exemplo, os universais (1) a (5) são de tipo silogístico, ou seja, ‘se x é uma língua, x tem vogais’. Por outro lado (6) é já um universal de tipo implicacional, i. e., ‘se L tem x, então tem y também’. (7) e (8), por seu lado, são de tipo probabilístico, isto é, a ‘maioria das L têm x’, mas se uma L em particular tem y no lugar de x, isso não desmente o universal.

Com o advento da Fonologia Generativa (Chomsky & Halle, 1968), o conceito de universal fonológico transforma-se. Uma vez que as restrições à formulação de uma regra SPE pretendem refletir as capacidades inatas do falante, a própria teoria prevê, em consequência, que, em comparação umas com as outras, as regras que podem ser registadas em termos mais simples sejam preferidas pelo sistema cognitivo dos falantes e, por isso, também mais frequentes nas línguas do mundo. Por seu lado, as regras mais ‘pesadas’ são, de acordo com o modelo SPE, mais marcadas e, portanto, mais raras nas línguas do mundo.

Assim, um universal generativo, ao contrário de um estruturalista, diz respeito a entidades mais abstratas, ou seja, do nível subjacente. Para além disso, este formato de universal não implica um trabalho intensivo de exploração tipológica, mas pode ser deduzido teoricamente.

Todavia, como o modelo linear de Chomsky & Halle não era produtivo na descrição de fenómenos fonológicos, como o acento, o tom, a estrutura silábica, entre outros, emerge com Goldsmith, nos anos 70, a Fonologia Autossegmental, isto é, não-linear, e, com ela, uma nova mudança na formulação de universais fonológicos.

Tal como os tipo-SPE, podemos dizer que os universais não-lineares (isto é, aqueles que nos resultam dos trabalhos de investigação de quadros como o da Fonologia Autossegmental, Métrica, entre outros) derivam de níveis mais abstratos de representação fonológica, mas, ao contrário dos primeiros, eles não traduzem ‘preferências’ do sistema cognitivo dos falantes, mas antes aquilo que é possível/impossível, como comprovam os seguintes exemplos:

1. Teoria do pé: o acento é atribuído pela construção de um conjunto restrito de pés métricos (Halle, 1977).
2. Proibição do cruzamento: as linhas de associação autossegmental não se podem cruzar (Goldsmith, 1979).
3. Pico de sonoridade: todas as sílabas formam um pico de sonoridade (Steriade: 1982).

Mais uma vez, ao contrário do que acontecia com os universais do Generativismo clássico, os não-lineares são propostos mediante a análise e comparação de um grande número de línguas do mundo.

A perspetiva otimalista, porém, faz-nos observar os universais de forma bastante diferente. A questão base a que esta teoria procura responder – ‘se todo o ser humano tem capacidades cognitivas e um aparelho fonador idêntico, porque é que há tantas línguas

diferentes?² - é já algo que, *per se*, não pode ter senão uma resposta universal. Assim, no cerne desta teoria, Prince & Smolensky (1993) colocaram o conceito de hierarquia. De acordo com os autores, há uma estrutura básica de restrições ordenada hierarquicamente que são depois rehierarquizadas na gramática de cada língua particular.

Retomando os universais de Jakobson (1962), postula-se a restrição ONSET- todas as sílabas têm ataque – e NOCODA – nenhuma sílaba tem coda². Contudo, há línguas, como o inglês ou o português, em que nem todas as sílabas apresentam ataque preenchido e algumas que têm coda. Então, como é que se contorna esta questão?

Neste sentido, sugere-se outro par de restrições PARSE – epêntese, que exige preenchimento de todas as posições da estrutura silábica – e FILL – apagamento dos segmentos *underparsed*. Este par, nas línguas acima referidas, está, conforme a visão otimalista, numa posição hierarquicamente superior ao par ONSET e NOCODA.

Neste quadro há, no entanto, hierarquias fixas, nomeadamente as que são internas às restrições. Por exemplo, a ONSET diz, para além de que todas as sílabas têm de ter ataques, que os ataques são preenchidos preferencialmente pelos segmentos menos sonoros, segundo a escala de sonoridade, penalizando os mais sonoros para o preenchimento da posição de ataque:

*P/t >> *P/ m >> *P/ u >> * P/ a.

Neste sentido, os universais tipo-TO, ao contrário dos tipo-SPE, são não-representacionais, na medida em que a sua ‘universalidade’ não está na representação, mas na forma das restrições em si.

Para sintetizar, é-nos possível olhar os universais tendo em conta duas grandes visões, a visão estruturalista/ greenberguiana e a generativa. Na primeira, um universal é visto como algo que acontece na superfície de todas ou quase todas as línguas do mundo, enquanto na segunda, quer lhes chamemos de regra, representação ou restrição, os universais são tidos como algo que ‘governa’ a variação fonológica.

Para além disso, a corrente generativa, inicialmente, ‘aboliu’ o trabalho tipológico da busca dos universais fonológicos. Todavia, com o advento das correntes pós-generativas, esse tipo de investigação foi aos poucos reintroduzido, tendo ganho grande importância, quer no quadro autosegmental, quer no otimalista. Estes últimos, no entanto, diferenciam-

² Esta visão é levada ao extremo pela Fonologia do Governo/CV estrita.

se dos universais de Greenberg, no que toca ao grau de abstração, ou seja, ao nível de representação a que dizem respeito.

4

Na verdade, a Fonologia parece ser dos campos da gramática cujo estudo mais apela a uma visão universal dos objetos linguísticos, de tal forma que esta já está presente no 'Livro dos Génesis' desta ciência (Trubetzkoy, 1969 [1939]). Nenhuma teoria fonológica minimamente consistente pode deixar de recolher exemplo de outras línguas. Não se pode propor traços/ elementos autosegmentais sem saber que eles são suficientes para descrever todas as oposições de segmentos nas línguas do mundo. Não se pode falar de acento ou de harmonização vocálica sem ter em atenção como é que estes se comportam e como estão organizados tipologicamente noutras línguas. Não se pode fazer um bom trabalho de investigação em Fonologia sem recurso à Tipologia e, por esta razão, cada nova teoria fonológica que surge não se afirma sem primeiro esboçar a sua própria visão daquilo que é um universal.

5

Pelas razões expostas acima, considera-se imprescindível a leitura deste artigo a todos os estudantes ou investigadores que queiram enveredar pelo tema dos universais fonológicos, uma vez que nele se explicitam não só alguns universais clássicos, mas também os pressupostos de notação/teorização de universais nas principais correntes fonológicas dos séculos XX e XXI.

REFERÊNCIAS

- Chomsky, N. & Halle, M. 1968. *The Sound Pattern of English*. New York: Harper & Row.
Goldsmith, J. 1979. *Autosegmental phonology*. New York: Garland.
Greenberg, J. 1978. *Universals of human language*. Stanford: University Press.
Halle, M.; Vergnaud, J. R. 1977. *Metrical structures in phonology: a fragment of a draft*. MIT manuscript.
Hammond, M. 2006. Phonological Universals. In K. Brown (ed.), *Encyclopedia of Language and Linguistics*. Oxford: Elsevier: 525-531.
Jakobson, R. 1962. *Selected writings 1: Phonological studies*. Mouton: The Hague.
Maddieson, I. 1984. *Patterns of sounds*. Cambridge: University Press.

- Prince, A.; Smolensky. 1993. *Optimality Theory*. University of Colorado.
- Steriade, D. 1982. *Greek prosodies and the nature of syllabification*. MIT (Dissertação de Doutorado).
- Trubetzkoy, N. 1969 [1939]. *Principles of phonology*. Berkeley: University of California Press.
- Steriade, D. 1982. *Greek prosodies and the nature of syllabification*. MIT (Dissertação de Doutorado).
- Trubetzkoy, N. 1969 [1939]. *Principles of phonology*. Berkeley: University of California Press.